

DA ORDEM DA LÍNGUA À ORDEM DO DISCURSO: A INTOLERÂNCIANO DISCURSO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO

Vanice SARGENTINI²⁰

RESUMO

Em pesquisas sobre o discurso político eleitoral, observamos uma intensificação dos confrontos nas redes sociais e nas circulações midiáticas. Se nos anos de 2002 e 2006 houve uma docilização do discurso político; nas eleições de 2010 e mais especificamente de 2014 emergiram fortemente expressões de confronto e intolerância. Isso nos leva às perguntas: - Quais foram as condições de emergência de um discurso de ódio fortalecer-se nas campanhas eleitorais? O brasileiro objetivado cordial, segundo Sérgio Buarque de Holanda, ou miscigenado, conforme Gilberto Freyre, divulgador da democracia racial, tornou-se intolerante? Buscaremos nas raízes históricas dessa questão que articula cordialidade/polidez e tolerância/ intolerância algumas respostas para compreender as mutações do discurso político e as condições de emergência de um discurso de ódio no período pré e pós-eleitoral presidencial no Brasil nas últimas eleições. Para tal analisaremos enunciados produzidos por candidatos e por manifestantes em protesto, a fim de acompanhar o funcionamento do dispositivo, conforme conceito de M. Foucault, de cordialidade/ polidez e (in)tolerância.

PALAVRAS-CHAVE: discurso político, cordialidade, polidez, intolerância, dispositivo.

1. Mutações no discurso político

Na atualidade, falar sobre o discurso político é uma tarefa no mínimo delicada. Todos são habilitados a falar, seja nos encontros, no supermercado, nas redes sociais, portanto, pode-se dizer que ele é intenso e ao mesmo tempo os dizeres são muito fugazes pelo fato de diariamente novos acontecimentos e estratégias agitarem o fazer político.

Em nossas pesquisas sobre o discurso político eleitoral (Sargentini, 2011, 2012), flagramos, por exemplo, nos anos de 2002 e 2006 uma forte docilização do discurso

20 UFSCar, Centro de Educação de Ciências Humanas, Departamento de Letras. End. Rodovia Washington Luís, Km 235. CEP: 13.565-905. São Carlos – SP, Brasil. E-mail: sargentini@uol.com.br

político. Era tempo do *Lula paz e amor* e ele nos mostrava, em sua campanha, mulheres grávidas, sorrindo e cantando e caminhando de mãos dadas, ou ainda atores negros, indígenas, brancos e orientais declamando Gilberto Freyre (poema *O outro Brasil que vem aí*). Eram tempos de docilização do discurso político. O olhar intransitável e provocador dos pleitos anteriores de Lula foram substituídos pelo sorriso seguro, pelo olhar indireto e complacente. A esperança venceu o medo e uma ‘certa paz’ reinou aos olhos do brasileiro e dos estrangeiros que viam o então presidente Lula até mesmo como ‘o cara’, para empregar uma expressão de Barak Obama.

Isso nos leva a perguntar: - **Quais foram as condições de emergência de um discurso de ódio fortalecer-se nas campanhas seguintes a respeito desse mesmo partido e dos políticos de forma geral? - O brasileiro cordial, segundo Sérgio Buarque de Holanda ou miscigenado, conforme Gilberto Freyre, divulgador da democracia racial, tornou-se intolerante?**

Buscaremos nas raízes históricas dessa questão que articula cordialidade-polidez e tolerância-intolerância algumas respostas para compreender as mutações do discurso político.

2. Cordialidade e intolerância em conflito

O psicanalista Christian Dunker (2014), em um artigo denominado *Intolerância e cordialidade nos modos de subjetivação no Brasil*, leva-nos a refletir sobre o fato de possivelmente considerarmos a ‘cordialidade’, atributo popularizado sobre o brasileiro, como um antídoto para a intolerância. Seria assim: se o brasileiro se caracteriza por aceitar o sincretismo cultural, logo isso conduziria a vê-lo como aquele que valoriza os processos de individualização liberal. Sob essa ótica a cordialidade é signo da cura para a intolerância que compreende o racismo, a xenofobia, a homofobia, o sexismo, o preconceito religioso, social ou político. Olhando para o quadro atual parece que nos equilibramos mal nesta balança entre cordialidade e (in)tolerância. Para Dunker (2014) é preciso desconstruir esse dispositivo discursivo (que sustenta o discurso ‘se somos cordiais, logo somos tolerantes’) “para que uma melhor concepção sobre a intolerância possa surgir” (2014, p. 17). Orientar-nos-emos por esses temas cordialidade/ polidez e

tolerância/ intolerância para analisar as mutações ou as imobilidades da produção dos enunciados políticos.

Seguindo a reflexão de Sérgio Buarque de Holanda, em *As raízes do Brasil* (1936), sobre a noção de ‘homem cordial’, atribuída ao brasileiro, em um contexto de nossos mitos fundadores, ele fala que:

“a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido de nosso caráter brasileiro, na medida, ao menos em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral de padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. (Holanda, 1996, p. 146)

O homem cordial expressa, então, sua cordialidade – supostamente um atributo que lhe seria natural, mas que é expresso pelo emprego da polidez, atributo ritualizado, apreendido.

Os regimes de polidez, compreendidos como um repertório de práticas que consistem na forma de expressão da fala, dos gestos, dos modos de se dirigir ao interlocutor, modificam-se em função da especificidade de diferentes regimes de polidez em distintos períodos. Para Dunker (2014, p. 28) “a cordialidade e a polidez são formas de articular o sentimento social de respeito”. Enquanto a polidez expressa um saber ritualizado apreendido expondo um processo de individualização, a cordialidade seria vista como uma característica espontânea no ‘homem cordial’.

A polidez está historicamente articulada ao processo discursivo de produção do discurso político. Em sua origem, a polidez, assim como a civilidade, tem sua raiz no termo *política*. Ser polido é ser civilizado e vice-versa. A polidez (que se desencadeia nos tratados de civilidade de Erasmo de Roterdã) historicamente é um valor de direita na medida em que ele é fonte para estabelecer distinções, seja de status social, de precedência ou de sapiência. É vista como um valor de direita se atribuimos à esquerda os valores de igualdade que se pautariam no apagamento das formas de distinção.

Entretanto, na atualidade, as definições de esquerda e direita são mais complexas e isso nos faz levantar a hipótese de que a polidez, por um lado, contribui para tornar mais opacas as distinções entre os dois polos. Por outro lado, o aumento da violência no cotidiano, as críticas aos gestos de incivilidade, parecem ter tornado a polidez um valor consensual. Se a polidez era combatida por alguns, em especial os defensores das ideologias de esquerda, no início do século XX, por ser signo de galanteria,

maneirismos, salamaleques, formas de nada dizer, ao final do século XX e início do século XXI, a polidez torna-se um valor consensual, pois o campo da política parece não mais admitir a expressão da violência, seja na fala, na gestualidade, na imagem, além de valorizar os dizeres aceitos como politicamente corretos. Assim, emergem os discursos de combate à intolerância.

3. Dispositivo: cordialidade/ intolerância

Mas o que vimos ocorrer no pleito de 2014 e nas recentes manifestações é uma grande amostra da expressão de discursos de intolerância. Essas ocorrências parecem conduzir nossas reflexões para outra direção e isso exige escavar mais profundamente os traços discursivos da cordialidade. Se um deles, conforme dissemos, é a valorização incondicional do ‘estranho (estrangeiro – da cordialidade com o estrangeiro/ a tolerância com o pensamento do outro)’, um outro traço discursivo é o de se ver uma descontinuidade entre família e Estado. Um atravessamento constante que mescla relações de proximidade (emprego de diminutivos e palavras carinhosas, bem como o tratamento pelo prenome), com manutenção de autoridade.

Nos enunciados proferidos por políticos, essa distinção no trato está também inscrita cronologicamente. Atribui-se ao polêmico Jânio Quadros, quando era prefeito de São Paulo, a seguinte frase²¹:

“Intimidade gera aborrecimentos ou filhos. Como não quero aborrecimentos com a senhora, e muito menos filhos, trate-me por Senhor.”

- Quando interpelado por uma jornalista a respeito de sua opinião sobre os homossexuais e foi chamado de “você”.

Neste exemplo, a cordialidade é o signo da autoridade e as regras de polidez são o meio para a manutenção desse distanciamento. Intolerância com a jornalista e uma forma de contornar, de não dizer sobre o tema ou estender sua intolerância sobre a homossexualidade é o que se pode extrair desse enunciado.

Já em exemplo de enunciado mais recente, podemos ver que a relação entre o político e o cidadão não é de ‘autoridade política’; as relações são de comportamentos próprios da esfera privada, da casa e não da esfera pública (da rua):

21 <http://advivo.com.br/comentario/re-os-50-anos-da-renuncia-de-janio-0>

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de batismo da Plataforma P-59 - Maragogipe/BA - 13/07/2012 às 14h45.

*Eu queria começar cumprimentando os funcionários da Petrobras, os... **Eu também te amo, fica tranquilo.** Os funcionários da Petrobras, os funcionários das empresas que construíram esta plataforma. [...]*

Finalmente, eu quero encerrar dizendo que eu tenho imensa confiança na capacidade do meu povo, do povo brasileiro, de enfrentar desafios e encontrar soluções. Nós somos um país jovem, mas, sobretudo, eu acho que nós somos um país de pessoas trabalhadoras e criativas, e somos também um país de pessoas alegres. Acho que essas nossas características são responsáveis pela capacidade que eu enxergo no Brasil, de ser um país que vai construir seu caminho, ao longo desse século XXI, e se transformar numa das maiores nações do mundo, porque, em primeiro lugar, vai olhar para o seu povo, para a sua população, para os seus brasileiros para as suas brasileiras.

Um abraço no coração e um beijo também.²²

A cordialidade não é uma cura para a intolerância, mas uma forma de complementação da intolerância. A cordialidade atua como um exercício da autoridade, que pode mover-se entre a complacência/ a tolerância e a intolerância, mas todos esses casos é o emprego da autoridade que está no comando.

Os generais agiam com cordialidade e completa intolerância, expressa na imposição do sofrimento físico. Os excessos parecem essenciais para a demonstração do poder, porque mostram quem pode administrar a tolerância. Por exemplo, os senhores de escravo, que podiam mandar perdoar, mandar surrar ou mandar matar, definiam o que fazer conforme sua conveniência. Essas decisões eram definidas pelas relações de poder e segundo Dunker (2014, p. 33), à luz da psicanálise, “pelo cálculo do gozo” que, dessa ação escolhida, esse senhor poderia extrair. Se ao ser tolerante ele consegue com isso extrair algum benefício, então é tolerante, isso quer dizer que se exerce a autoridade também pela tolerância.

O ex-presidente Fernando Collor tem pelo menos duas frases emblemáticas que simbolizavam o discurso próprio do seu governo: *Quero acabar com os marajás. Eu tenho o saco roxo.* A cordialidade era exercida na tolerância com os seus e a intolerância com os outros (os marajás). A reafirmação da virilidade também é uma forma de intolerância e atribuição de fragilidade àquele que não é viril.

22 <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discorso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-batismo-da-plataforma-p-59-maragogipe-ba>

A cordialidade no discurso do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso era marcada, sobretudo, pela expressão da tolerância. Entretanto ser tolerante é ainda uma marca de autoridade porque expõe que não há concordância, mas há a superioridade da complacência. A afirmação seguinte é um exemplo: “*Sou cartesiano, mas com uma pitada de candomblé. Sou tolerante*”²³. E continuou em declarações recentes: “*Não é porque são pobres que apoiam o PT e Dilma, é porque são menos informados*”²⁴, diz *FHC*.

Vimos até aqui que o discurso político responde a uma prática discursiva determinada. Ela está assentada no dispositivo da cordialidade que é complementar da intolerância e não o seu avesso. Foucault nos diz que a arqueologia poderia nos fazer ver ‘uma certa maneira de falar’ para verificar como essa maneira de falar está inserida em um sistema de proibições e valores. A polidez pode ser uma forma de expressão da cordialidade, entretanto, a cordialidade também admite a expressão da dureza, da intolerância. Ela é proveniente de um sistema de clientelismo, se vale das relações privadas acima das relações públicas (a esfera pública é que se submete ao espaço privado e não o contrário).

Conforme Dunker, (2014), como não estabelecemos uma distinção clara entre o espaço público e o espaço privado,

nós sentimos uma desconfiança clara e sistemática frente a tudo que nos apareça como ideal coletivo, público e independente de interesses pessoais ou privados. As mudanças na política, justiça, polícia ou educação são interpretadas ambigualmente: como um sinal de prosperidade e como um indicativo de uma nova máscara para a forma tradicional de opressão.”(p. 34) Ele avalia, então, que a “cordialidade-polidez e tolerância-intolerância” formam, em conjunto, o que Foucault chamaria de um dispositivo.” (p. 35)

Para Dunker (2014) a ‘cordialidade-polidez’ e ‘tolerância-intolerância’ formam, em conjunto, o que Foucault (2001) chamaria de um dispositivo. Esse dispositivo ‘cordialidade-polidez’ e ‘tolerância-intolerância’ articula autoridade e poder. A cordialidade tem sua expressão na polidez, mas não é refém dessa se ela não responder aos seus interesses de expressão da autoridade. A polidez, sim, existe para supostamente separar os menos civilizados dos civilizados, mas para aqueles que reivindicam o lugar

23 Em entrevista à Folha/ UOL em 30/11/2011. <http://noticias.uol.com.br/direto-da-redacao/minuto-a-minuto/2011/12/08/folha-e-uol-sabatinam-o-ex-presidente-fernando-henrique-cardoso.jhtm>

24 Declaração dada aos blogueiros do UOL Josias de Souza e Mário Magalhães em 06/10/2014. <http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/06/fhc-pt-cresceu-nos-grotoes-porque-tem-voto-dos-pobres-menos-informados.htm>

histórico de poder, que compreende o desmando e a intolerância, a polidez é dispensável.

Segundo Foucault (2014) o dispositivo comporta elementos heterogêneos e volta-se para analisar a natureza do laço que existe entre esses elementos. Na articulação desses discursos estrutura-se o programa de funcionamento de uma instituição ou mesmo deixa-se ver ou justifica-se uma prática que permanece muda ou secundária na sociedade. A distinção social articula-se à polidez, a força do protesto é o seu avesso. Foucault (2014) acrescenta ainda a esses dois pontos um terceiro que é o fato de o dispositivo ter uma ‘função estratégica dominante’ e responder a um duplo processo (de sobredeterminação funcional e de perpétuo preenchimento estratégico). Isso conduz-nos à observação de que o dispositivo cordialidade/polidez e (in) tolerância é uma forma de preenchimento estratégico do sujeito de autoridade. A análise foucaultiana explica-nos: se a princípio não era por uma astúcia estratégica que surgia a proposição de que os criminosos ficassem encarcerados, em um segundo momento por um processo de preenchimento estratégico o encarceramento capaz de concentrar a delinquência “passa a ser reutilizado para fins políticos e econômicos diversos” (Foucault, 2014, p. 46). Nos protestos, a manifestação é logo absorvida por um preenchimento estratégico conforme o interesse de um ou outro grupo.

A exposição do conceito de dispositivo conduz-nos a avaliar sua produtividade nas investigações que tomam o discurso nas suas condições de emergência e produção de práticas. Para Castro (2009, p. 117), “à medida que Foucault substitui a noção de episteme pela de dispositivo e, finalmente, pela de prática, a análise do discurso começará a entrelaçar-se cada vez mais com a análise do não discursivo (práticas em geral).”

4. A emergência da intolerância; alguns exemplos

Em recentes manifestações em várias cidades do Brasil, vimos muitos cartazes, atuando como porta-voz do sujeito do discurso, que expõem diversas formas de intolerância. Em diferentes graus, a intolerância marca-se tanto pela característica do enunciado – por exemplo, “Fora Corruptos” – uma frase curta, direta e acusativa, quanto pelas marcas complementares que neles podem vir marcadas: – **Fora corruPTos**–

enunciadono qual se apresenta em destaque a sigla do partido dos trabalhadores (PT), em vermelho, que é a cor do partido. Além desses, ainda outros enunciados com semelhante funcionamento autoritário e direto como - **Fora Dilma e leve o PT junto** - ocorreram. Um apelo à memória discursiva **também está marcado na frase seguinte - Sai fora Dillma e leve o PT junto** - na qual a duplicação da letra 'l', atualiza o movimento de impeachment do ex-presidente Collor, estendendo-o à presidenta Dilma Rousseff.

No deslizamento metafórico de sentidos, os enunciados passam da suposta tolerância à grave intolerância ideológica, expressa, por exemplo, por formas linguísticas que em contexto determinado funcionam como insulto: ***O Brasil não será uma nova Cuba. Não queremos que o Brasil vire uma Cuba. Dilma, vá para Cuba que te pariu.***

A intolerância sexista também ocupa as ruas em cartazes como: “Não deixe ela se safar! Nem quem a vaca tussa!” Ou simplesmente, “Dilma, sua vaca.”²⁵ Foram muitos os insultos expostos em cartazes ou vociferados em protestos de rua. Ao estudar essas ocorrências como parte de um dispositivo de cordialidade/ (in) tolerância, observamos que a voz coletiva dá acolhimento à voz da intolerância, enquanto nas relações interindividuais, a polidez atua como forma de estratégia para o exercício da autoridade.

Em um infográfico, publicado na Folha de São Paulo do dia 16/08/2015, nomeado *Brasil em crise e protestos contra Dilma Rousseff*, pudemos levantar e coletar um conjunto de frases referentes às opiniões de manifestantes entrevistados por jornalistas da Folha de São Paulo durante o protesto na Avenida Paulista em São Paulo. Reproduzimos a seguir algumas frases para que se possa verificar uma tal recorrência sintática em seu funcionamento:

- a) Se Dilma sair, o Temer não vai ser melhor, e pode até mesmo ser pior. Mas algo tem que acontecer no país. O PT democratizou a corrupção.
- b) PT, PMDB, PP, eles estão todos juntos, é tudo uma coisa só. Não sou contra partidos, mas há uma corrupção em todos eles, até no PSDB.
- c) Dilma não tem que sair porque ela foi eleita. Pior que o PT é o PSDB e o PMDB. Mas ela tem que parar de mentir e dizer que não sabia de nada do que ocorria na Petrobrás.

²⁵<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/03/08/e-preciso-coragem-para-chamar-uma-mulher-de-vaca-da-janela-do-predio/>

- d) Sou contra o impeachment porque acho que a Dilma foi eleita democraticamente pelo povo, mas ela não tem condição de governabilidade, ela até pode ficar para a história, mas espero quetenha a humildade de renunciar.

Essas frases foram ditas por participantes da passeata quando interpelados individualmente no local de protesto. Elas ilustram a recorrência de uma construção sintática presente em 18 respostas, dentre as 30 coletadas e publicadas no infográfico (Folha de São Paulo, 16/08/2015) e indicam (i) a presença de uma primeira oração ou parte da frase na qual está presente uma expressão de negação, seguida de (ii) uma segunda oração ou parte da frase introduzida pelo ‘mas’. Na primeira parte da frase, a partícula de negação expõe a sensibilidade e polidez do sujeito enunciador que apresenta um forma de preâmbulo para asseverar a segunda parte da frase, introduzida pelo ‘mas’ que desencadeia a proposição mais grave. Vimos nessas frases uma recorrência sintática que inscreve o sujeito enunciador no dispositivo da autoridade e intolerância, pois, de forma polida, cordial, complacente, ele se exclui na primeira parte da frase, pela negação da ação da qual participa e posteriormente, na segunda parte, de forma intolerante, ele afirma sua posição.

Algumas conclusões.

O sujeito enunciador das ruas, aquele que ergue cartaz porta-voz de seu discurso formula seu dizer no interior do dispositivo da intolerância, enquanto esse mesmo sujeito enunciador, ao ser interpelado nas ruas e expressar-se oralmente em resposta a um jornalista, vale-se de uma estrutura sintática que lhe confere polidez, a não dizer de modo direto, ao apresentar argumentos que lhe atribuam ponderação e certa complacência, ainda que em conclusão venha a garantir força ao seu último argumento, no caso o descrédito na política, no governo ou na presidenta.

Nesta circunstância de entrevistado, o sujeito enunciador não sente fragilizada sua posição, não sente ameaça à sua autoridade e por isso mantém a polidez e consequentemente seus traços de cordialidade. A nosso ver esses exemplos reafirmam como a cordialidade é uma questão de autoridade e a intolerância uma questão de poder. A ameaça da perda da autoridade autoriza a impolidez e faz emergir fortemente a

intolerância. Esses poucos exemplos ao qual fizemos referência, ainda que muito graves, são um exemplo diminuto do ódio e da intolerância que vivemos no país hoje. Nesse dispositivo cordialidade-polidez e tolerância e intolerância, esse sujeito ‘homem cordial’, investido da autoridade, tende a proteger seus espaços de atuação e é tolerante se ele tiver alguma vantagem com os sucessos do outro. Dunker (2014), na visada da psicanálise, dirá que esse sujeito é tolerante enquanto ele puder partilhar do gozo do outro, e por isso, nessa condição ele terá tolerância. Isso nos leva a compreender “a gênese de diversos sentimentos sociais alinhados à tolerância, como a piedade, a comiseração, a compaixão e, sobretudo, sentimentos de respeito indiferente.” (2014, p. 38).

Nesse dispositivo, a intolerância atua na delimitação de espaços, estabelece as fronteiras, os limites. O êxito do outro não está partilhado com o intolerante, e então ele passa a incomodar. Ao sentir que o outro passa a ter direito sobre um seu espaço, e que, portanto, passa a dividir com ele o seu universo de discursos, a intolerância emerge polidamente ou não. A intolerância é uma forma de resposta à ameaça do poder, ao temor de ver fragilizada a autoridade. E como o dispositivo responde a uma urgência e pode ser fonte de um preenchimento estratégico (Foucault, 2014), um jogo argumentativo forma-se em torno dessas relações de cordialidade, polidez e (in)tolerância.

Nossas questões iniciais somente podem ser respondidas com alguma inflexão e graus de ponderação. Vimos o discurso de ódio fortalecer-se nas campanhas eleitorais e também no período pós-eleitoral. Esse discurso assim se caracteriza porque abriga a intolerância que compreende o preconceito religioso, social ou político tão presentes nos exemplos analisados. Compreende também o sexismo no meio político, em especial em relação à mulher. Como verificamos a tolerância não é o signo da cordialidade, mas da articulação da autoridade e do poder e isso pode deslizar facilmente para a intolerância a ser observada tanto em expressões graves que circulam desinibidas na ordem do discurso como na recorrência de construções sintáticas presentes na ordem da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dunker, C. (2014) Intolerância e cordialidade nos modos de subjetivação no Brasil. In.: Fantini (org.) *Raízes da Intolerância*. São Carlos: EdUFSCar. p.17-42.

Foucault, M. (2001) Sobre a História da sexualidade. _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal. p. 243-276.

Foucault, M. (2014). O jogo de Michel Foucault. *In: Motta, M. B. da (org.) Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Ditos e Escritos IX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

Holanda, S.B. (1996) *Raízes do Brasil*. São Paulo; Cia da Letras.

Sargentini, V. M. O.(2011) Discurso e História em diferentes materialidades do discurso político. *In: FredaIndursky; Solange Mittmann; Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). Memória e História na/ da Análise do discurso*. Campinas -SP: Mercado de Letras, p. 203-215.

Sargentini, V. M. O (2012) A Análise do Discurso e a natureza semiológica do objeto de análise. *IN: GREGOLIN, M. R. V.; KOGAWA, J. M. M. Análise do Discurso e Semiologia: problematizações contemporâneas*. Araraquara: FCL–UNESP Lab. Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica.

